



CONGRESSO BRASILEIRO SOBRE
LETRAMENTOS E DIFICULDADES DE
APRENDIZAGEM

Campina Grande – Junho de 2017

Diálogos e discussões sobre Identidade de Gênero, desafio para os Docentes no século XXI.

Autor: Diego de Lima Santos Silva

Email: diegoli542@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo é discutir os desafios para os docentes no século XXI, no que tange a temática Identidades de Gênero, questão essa que é intimamente ligada com o processo de ensino aprendizagem, uma vez que o aluno (a) estando inserido (a) em um espaço em que o (a) mesmo (a) não seja aceito devido sua identidade de gênero, inúmeros outros problemas serão acarretados, dentre eles, déficit de aprendizagem, desestímulos nas tarefas e até evasão escolar, é preciso atentar para as questões de Gênero, como um processo ligado a aceitação de si mesmo, diante de uma sociedade que em alguns momentos padroniza corpos, e tendem a formular uma escola heterogenia, esquecendo da pluralidade que é inerente a este ambiente. Observando por este prisma, os estudantes que tenham características distintas dos demais, podem ser alvo de constantes críticas o que posteriormente pode ocasionar em um desinteresse pelo espaço educacional. Ainda sob o olhar de autores, e das leis vigentes no país faremos menção, do quão importante é atentar para esta causa que embora a discussão seja nova, a problemática já ocorre desde os primórdios.

Palavras chaves: Gênero, Educação, Leis

Introdução:

Entendemos como Identidade de Gênero, a maneira como o ser humano sente-se e se apresenta para si e para a sociedade como masculino ou feminino, ou ainda com um híbrido de ambos, independentemente do sexo biológico (fêmea ou macho) ou da orientação sexual (orientação do desejo: homossexual, heterossexual ou bissexual).

Identidade de Gênero refere-se a forma como reconhecemos a nós mesmo, e almejamos posteriormente que os outros nos reconheçam. Nesta perspectiva inclui-se o (jeito de ser), a maneira de vestir-se, o modo de falar entre outros, porém a identidade de gênero não refere-se ao biológico, e sim uma construção do ser ela é única e individual.

A identidade passou a ser um assunto emergente a partir do momento em que começou a se pensar em uma sociedade multicultural, onde a aproximação e coexistência de diversos grupos culturais passaram a divulgar a exaltação da diferença como também a idéia de preservação e/ou proteção das identidades de cada um (CANCLINI, 2004).

Para Canclini, a discussão sobre Identidade surgiu devido à necessidade de expressão do ser, uma vez que cada ser humano é único, e carrega consigo características distintas, o respeito pela diferença nos faz compreender que a plural completa o singular, no momento em que não somos apenas um mais um todo. Desta maneira a discussão de gênero vem aumentando a partir do século XX, e com isto inúmeros problemas foram observados, dentre eles estudantes que mostravam problemas de aprendizagem, e estes se relacionavam por freqüentarem um ambiente onde não eram aceito, ou por críticas cotidianas iam perdendo o pareço pelos estudos, daí surgir a necessidade de dialogar sobre as Identidades de Gênero e como estas afetam o processo de ensino aprendizagem.

Acreditamos que nada mais desconfortável, do que estar em um ambiente onde as pessoas lhe observam diferentes, onde as críticas são constantes, justamente por não está dentro dos “padrões”, que aqueles que não têm conhecimento tratam como certos.

A fim de conseguir alcançar esse objetivo, todos nós que atuamos e nos ocupamos da escola somos desafiados a rever o ordenamento curricular e as práticas pedagógicas, entendendo que estes não representam apenas uma determinada visão de conhecimento que pode excluir o “outro” e suas diferenças, mas também e, sobretudo, uma determinada visão dos alunos (Arroyo, 2006, p.54).

O ambiente escolar também tem a incumbência de promover o respeito e a igualdade, e esta discussão de gênero não deve está restrita apenas aos espaços acadêmicos, mais também as escola, evidente que para cada nível de escolaridade os diálogos devem ser repensados, na maneira que não causem constrangimento, mais que simplesmente instiguem a tolerância. Pois, se antes a identidade tinha um caráter único, agora com o deslocamento de seus elementos constituintes ela passa a ter um caráter fluido, móvel e polissêmico.

Prevê o pleno desenvolvimento dos cidadãos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; garante o direito à escola para todos; e coloca como princípio para a Educação o "acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um". (Constituição Federal de 1988. Art. 205 e Art. 208.)

A Constituição Brasileira de 1988 deixa claro, que o cidadão tem o direito ao pleno desenvolvimento garantindo acesso à escola a todos, respeitando as individualidades. Excluir os alunos do debate sobre a diversidade, ou mesmo ignorar a existência da mesma, acaba retirando dos indivíduos o direito de expressar o que são, de expor o ponto de vista que tem.

Na realidade uma das funções da escola é atender para o clamor dos estudantes que reivindicam por seus direitos, é notável no cotidiano escolar, que muitos estudantes não compreendem a diferença do outro, ou compreendem de forma equivocada por ex., um estudante sofre preconceito e reivindique o direito de não ser discriminado por sua opção sexual dentro da escola, retrata de forma direta, que os que ocupam aquele espaço educacional, ainda não foram conscientizados das diferenças sexuais existentes.

Umás dúvidas, umas inquietações, uma certeza de que as coisas estão sempre se fazendo e se refazendo e, em lugar de inseguro, me sentia firme na compreensão que, em mim, crescia de que a gente não é, de que a gente está sendo. Paulo Freire (1995, p.79)

Segundo Freire, as mudanças são inevitáveis, junto a esta ideia as instituições de ensino devem repensar sobre o fazer e refazer das práticas pedagógicas, é necessário pensar em uma educação que evolui, ela não está engessada em conceitos primitivos, os modos de fazer, as novas concepções educativas, as novas concepções do ser estão presentes dentro da escola, e merece atenção, uma vez que alguns problemas de aprendizagem não estão relacionados apenas a deficiências, muitas vezes estão inseridos em um espaço pelo qual o discente não se sente acolhido, onde o desconforto é constante pode ocasionar uma apatia por tal ambiente e por consequente transtorno de aprendizagem.

É necessário que educadores do século XXI, compreendam que há uma relação estreita entre o olhar e o trato pedagógico da Identidade de Gênero e a concepção de educação que informa as práticas educativas. Sobretudo nas duas últimas décadas, as pesquisas nas áreas de Identidade de Gênero, tem sido constante em congressos, fóruns, nas academias e entre educadores, uma vez que esta aceitação de sua própria existência. A identidade faz parte de cada ser humano que é único.

No entanto em dados momentos têm-se revelado uma falta de conhecimento e/ou apatia, por estas questões, quando se trata de trazê-las à tona no espaço educacional, seja por despreparo, ou mesmo por não sentir-se confortável em dialogar sobre essa temática.

O fato é que inúmeros problemas de aprendizagem poderiam ser evitados se, o diálogo sobre o assunto fosse aprimorado. A escola é o cenário social que está em constante transformação, dialogar sobre as questões de gênero amplia o espaço e surgem novas perspectivas educacionais e conseqüentemente, novos papéis e responsabilidades são atribuídos a professores e alunos.

A divisão entre os sexos parece estar na ordem das coisas (...) ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado (...) em todo o mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos habitus dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (Bourdieu, 1999, p. 17).

Bourdieu afirma que as divisões de sexos estão presentes nos espaços ou objetivadas, neste pensamento as instituições de ensino, como um todo, estruturam-se através dos sujeitos que delas fazem parte. Nestas relações, deve ser respeitada a singularidade de cada participante, devido sua Identidade de Gênero. Cada um com seu ponto de vista contribuem para a construção de conhecimentos reelaborados, e vividos ao longo da jornada estudantil. No sentido de espaço organizado pela esfera política, e mediado pelo governo, família e sociedade, a escola não é neutra, pois ela integra-se a um imenso sistema de informações e saberes.

Ainda hoje muitas pessoas com transtorno de identidade de gênero deixam a escola cedo, pois não aguentam o preconceito, um preconceito fruto da ignorância, falta de conhecimento. Crianças em todo o Brasil por terem familiares sendo analfabetos ou com poucos estudos e sem informação acabam influenciando em um pensamento transfóbico e também influenciando na personalidade de seus filhos. Por isso é uma obrigação da escola repassar esse conhecimento. Deixar claro a todas as crianças sobre a identidade de gênero. Pois todos teremos respeito e igualdade. (IDEIA LEGISLATIVA proposta por Cleilson Silva – AC – 2016)

A idéia proposta por Cleilson retrata de forma objetiva que o país não evoluiu no quesito tolerância as identidades de gênero que estão presente dentro da escola, e que o fruto desta não evolução, são jovens desestimulados com a sala de aula, tendo problemas como déficit de atenção, sem ânimo para dar prosseguimento as atividades escolares, sendo assim há uma necessidade de refletir sobre esta temática, trazê-la mais perto do chão da escola.

Observando por um prisma diferente, as Identidades de Gênero devem ser entendidas como uma construção histórica, cultural e social das diferenças. A concepção das identidades de gênero ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As formas de ser e existir destes sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos remete a observar os processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder.

Desta maneira os aspectos tipicamente observáveis, que nos foram ensinados a ver como diferentes desde o nosso nascimento, aqueles (as), que de alguma maneira carregam para si características de um outro ser, só passaram a ser percebidos por parte das pessoas como algo normal, depois que veio a tona as discussões de gênero nos ambientes educacionais, porque para nós por muito tempo, seres humanos que tinham características ou afeição para ter, fazer, e viver de modo oposto ao seu sexo biológico não era tido como um e sujeitos sociais, porém o diálogo e as discussões em torno desta temática deram um novo olhar e novas oportunidades as estas pessoas.

“ O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, 1996, p. 21)

Segundo Paulo Freire, o respeito não é um favor, mas uma obrigatoriedade que devemos exercer cotidianamente. Na escola existe a passagem das ações de vivência particular para o espaço público, tendo assim função social reguladora e formativa para os alunos. Dentre tantos fatores importantes, a escola tem a tarefa de ensinar aos alunos: (a) a compartilhar os saberes, os sentidos diferentes das coisas, as emoções: (b) a discutir, a trocar pontos de vista. Neste espaço educacional, desenvolvem-se o espírito crítico, a observação e o reconhecimento do outro em todas as suas dimensões.

È interessante olhar para dentro da escola e do currículo e verificar como as histórias estão sendo construídas e como se constrói os sentidos de pertencimento e exclusão. (MEYER, 1998, p. 69).

Segundo Meyer (1998), é preciso observar a escola e seus currículos, e como estão sendo construídos nos sentidos de pertencimento e exclusão da Diversidade de Identidades de Gênero que nela existente.

A escola em dados momentos caminha em antítese, sendo um espaço privilegiado para alguns, e de subordinação para outros. Nossa sociedade é dualizada onde a diversidade em alguns momentos não é compreendida, sendo alvo de olhares excludentes. Cabe aos professores (as) a conscientização das Identidades de Gênero pertencentes a cada aluno (a), dentro e fora do espaço educacional, uma vez que dentro da escola se aprender e no exterior se expressa.

Esta ação de conscientização onde cada indivíduo respeita a individualidade dos outro, é necessário para pacificação entre as camadas diferentes que compõe a sociedade. Contudo faz-se notório atentar sobre a importância da Identidade de Gênero não só dentro da escola, mas em todas as repartições públicas, e que esta abordagem pedagógica na escola não seja apenas aulas teóricas, mas também em aulas práticas que envolvam o cotidiano do discente.

“O estranho é a síntese da sujeira em nossa sociedade. Assim como ela, ele desafia o propósito dos esforços de organização. O estranho despedaça a rocha sobre o qual repousa a segurança da vida. Ele é alguém que supostamente vem de longe; que não partilha as suposições locais e dessa forma acaba colocando em questão quase tudo o que parece ser inquestionável para os membros do grupo abordado. (Bauman, p.28, 2005).

Segundo ele “todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável” (Bauman,p.27, 2005).

Podemos considerar que no alvo do preconceito, as vítimas seriam “os estranhos” de citados por Bauman. O indivíduo que apresenta características que foge os padrões impostos torna-se diferente. Os estranhos de alguma maneira, é aquele (a), que questiona as incertezas daquele ambiente marcado por uma certeza idealizada, porém, completamente imaginária.

Cada camada social tem sua cultura particular, sua orientação sexual e de gênero diferente, além de suas necessidades distintas umas das outras. Dessa forma existe uma crescente necessidade de aperfeiçoar a formação continuada dos professores, que são uma ótima alternativa, visando aprimorar o conhecimento e ter subsídios para trabalhar as formas de aceitação do diferente dentro da sala de aula.

Não é preciso ser igual pra ser igual, o diferente esta dentro do igual. Por exemplo, temos inúmeros problemas relacionados quanto debate de ideologia de gênero, esses termos e nomenclaturas surgiram de forma mais efusiva no século 20, porém é perceptível que há um despreparo no que tange tratar do assunto em sala de aula, são essas lacunas que devem ser preenchidas a falta de informação gera pessoas preconceituosas, egocêntricas cheias de si.

Para garantir essa coerência, ao tratar de tema associado a tão grande multiplicidade de valores, a escola precisa estar consciente da necessidade de abrir um espaço para reflexão como parte do processo de formação permanente de todos os envolvidos no processo educativo. (PCN – Orientação Sexual Pg, 299).

Segundo os PCNs, o espaço educacional precisar dialogar, sobre a multiplicidade existente dentro dela. No seu livro Orientação Sexual, os PCNs entram no cenário escolar com uma peça ímpar, que trazem uma gama de informações e orientações, onde o docente tem a oportunidade de despertar a reflexão, sobre a diversidade, gêneros e sexualidade existentes, dentro da instituição escolar, com isto existem meios para discussão e abertura do espaço para dialogar e construir novas ideias a respeito da temática.

Considerações Finais:

As discussões sobre as Identidades de Gênero são novas, porém a problemática é antiga, faz-se necessário, reavaliar os currículos, dialogar sobre o assunto e buscar novas propostas metodológicas, que não apenas transmitam o conhecimento sobre as Identidades de Gênero, Mas que ensinem e estimulem a tolerância.

A escola precisa abandonar o padrão de heterogeneidade, e compreender o diferente nos torna iguais, a conscientização que surge em sala de aula é um princípio que pode salvar vidas, quando o aluno é educado e ensinado que ser diferente é normal, este começa a encarar a vida, com uma nova visão, a unidades em prol de uma educação que seja inclusiva deve está pautadas no cotidianos dos ambientes educacionais.

Discutir Identidade de Gênero nas escolas é muito complexo e permeia por questionamentos, onde vai de encontro a alguns docentes, que tendem a ser adeptos à uniformidade e heterogeneidade de classes sociais, mesmo vendo cotidianamente que as comunidades são múltiplas.

Identidade de Gênero é muito mais do que o conjunto das diferenças, ela se entrelaça nas raízes de cada ser. Dizer que a mesma não existe é inaceitável, não querer aprender da mesma é incorreto. Conforme foi analisado, o Brasil tanto na esfera normativa para os cidadãos, quanto para o âmbito educacional, tem leis firmes, concretas que dão amparo, às diversidades existentes, assim cada pessoa pode expressar suas ideias.

Referências Bibliográficas.

ARROYO, Miguel G. “**Os educandos, seus direitos e o currículo**”. In: MOREIRA, Antonio Flávio e ARROYO, Miguel. Indagações sobre currículo. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, nov. 2006, p.49-81

BOURDIEU, Pierre. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris, Minuit, 1979. p.543-564.

_____ <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaoideia?id=55213>, acesso em 09/07/2017

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Lei 939424dedezembrode1996 **.Leidediretrizesebasesdaeducação** nacional. Brasília: Ministério da Educação,1996.

BOURDIEU, Pierre (1999). **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós modernidade*. (C. M. Mauro Gama, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

Bauman, Z. (2001). **Modernidade Líquida**. (C. M. Mauro Gama, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 35 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

MEYER, D. E. **Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais**. In: COSTA, M. V. (Org.). O currículo nos limiões do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

